

700922

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14075
Data 19 / 10 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014075

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

VALÉRIA FRANCISCA DE OLIVEIRA

SENHORA E O PROCEDIMENTO REALISTA EM JOSÉ DE ALENCAR

PONTES E LACERDA-MT

2009/1

82.09
04822
21.01

VALÉRIA FRANCISCA DE OLIVEIRA

SENHORA E O PROCEDIMENTO REALISTA EM JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho Monográfico apresentado ao Departamento de Letras do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito obrigatório para obtenção da graduação no curso de Letras, sob orientação do professor José Pereira da Silva Neto.

PONTES E LACERDA-MT

2009/1

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Professor Mestre José Pereira da Silva Neto (Orientador).

Professor Ricardo Marques Macedo - Banca Examinadora

Professor Epaminondas Matos Magalhães – Banca Examinadora

Aprovado em: ____/____/2009.

A meu filho Marcos Vinício de Oliveira Silva, a quem muitas vezes deixei aos cuidados de outrem a fim de realizar mais esta etapa em minha vida; com este trabalho dedico-lhe semelhantemente todo o meu amor e toda a minha existência. Aos meus pais Marcos Francisco de Oliveira e Jaimelina da Silva Oliveira, que jamais deixaram de me apoiar em minha luta e souberam compreender minha ausência nas reuniões de família, dispensando a mim todo seu amor e carinho.

Algumas pessoas existem em nossa vida para nos fazer crescer e nos ensinar a dar um mergulho para dentro de nós mesmos e buscar nossa força e nossa capacidade de realização; pessoas assim marcam a nossa vida para sempre no instante em que nos faz sentir que vale a pena correr, brincar, sorrir, enfim, torna importantes as coisas mais simples da vida. A essas pessoas como minha querida irmã Vanuza, minha cunhada Mara Paula e meus amigos Romes, Sonia Venâncio e Edivânia; agradeço por fazer parte de meus sonhos, minhas conquistas, meus erros e acertos. Não poderia deixar de agradecer meu orientador José Pereira, o qual ocupará um lugar especial em minhas recordações da universidade, pois suas orientações foram de crucial importância para a realização deste trabalho; obrigada pela força, pelo apoio e pela confiança. Agradeço a Deus por ter-me oferecido a oportunidade de conhecer pessoas tão maravilhosas como as que encontrei na universidade.

Os fortes chegam lá...
Os fracos desistem...
Os covardes nem tentam.
(autor desconhecido)

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Introdução.....	09
<i>Senhora</i> e o procedimento realista em José de Alencar.....	10
Considerações Finais.	25
Referências Bibliográficas.....	27

RESUMO

O enredo de *Senhora* (1875), de José de Alencar, trata da história de um casamento baseado em um acordo capitalista protagonizado por Aurélia e Fernando Seixas, que após alguns conflitos amorosos o casamento finalmente é consumado; “vivendo felizes para sempre”. Está justamente no desenrolar do enredo da obra, em especial neste desfecho feliz, a configuração de um dos traços básicos da estética romântica. Contudo, alguns traços realistas podem ser verificados no decorrer do romance, tendo em vista a crítica de Alencar, que se pauta nos valores burgueses e no casamento por interesse, embora tudo caia por terra em nome do amor. Em suma, *Senhora* pode ser analisada simultaneamente pelo viés realista e pelo viés romântico, uma vez que sua composição se deu entre uma corrente literária e outra, por isso, nesse romance, Alencar oscila entre essas duas estéticas literárias ao mostrar todos os conflitos gerados a partir do casamento por interesse sendo resolvido pelo amor.

Palavras chaves: Romantismo, Realismo e oscilação

Introdução

No firme propósito de tentar elucidar como se materializa a oscilação entre o romantismo e o realismo em *Senhora*; obra urbana de José de Alencar, este trabalho conta com um único capítulo, pois acreditamos que desta forma estaremos desenvolvendo-o de forma objetiva ao discutirmos os pontos que consideramos ser relevantes, de forma direta e embasada em teóricos renomados pertencentes ao quadro de críticos literários brasileiros. Assim, nosso enfoque analítico é apontar como uma obra que fora escrita no período Romântico, traz antecipações realistas no tratamento dado à temática desta.

Para tanto, com sentido de efetivar esta análise pautaremos na temática do casamento, em que a partir deste recorte mostraremos os pontos convergentes e divergentes ao período histórico de composição desta obra literária; desta forma, é justamente pela existência dos pontos divergentes que afirmamos a possibilidade de “um Alencar mais realista”. Contudo, será no decorrer deste trabalho que nos embrenharemos na busca pela elucidação de nossas indagações iniciais.

Assim, resta-nos deixar um convite para que você, leitor, possa mergulhar nas páginas deste trabalho e descobrir se a obra é romântica ou realista.

Senhora e o procedimento realista em José de Alencar

As produções literárias brasileiras são classificadas de acordo com a periodização histórica, em que as obras são constituídas por temáticas de características distintas, isto é, de acordo com a intenção crítico-social pretendida pelo escritor. Toda estética literária em desenvolvimento decorre do rompimento com estéticas anteriores, embora seja possível notar resquícios de caracteres retóricos configurando a nova produção artística, bem como aspectos precursores em funcionamento no universo artístico literário.

Este trabalho pretende analisar a oscilação entre a estética romântica e realista em funcionamento na obra *Senhora* ([1875], 1998) de José de Alencar (1829-1877). Para nos embasarmos nesta pesquisa será preciso abarcar o posicionamento crítico de alguns teóricos, tais como, Antonio Candido (2004), Carlos Nelson Coutinho (1974), João Alexandre Barbosa (1999), J. Guinsburg (2000), Alfredo Bosi (1994), Claude L. Hulet (1980).

Partindo do pressuposto teórico de que aos primórdios da década de 1870, observava-se uma preocupação quanto à temática posta em discussão nas obras literárias, podemos argumentar que os escritos desta época já apontavam para uma discussão das questões sociais, colocando em xeque o funcionamento das instituições como família, casamento, religião e outras que constituem as formas de organização da sociedade. Isso deve ao fato de que "o Romantismo não terminou e já se fazia notar os traços do Realismo (...)". (Coutinho, p 125), fazendo com que a ficção ultrapassasse as formas românticas e ganhasse formas realistas, isto é, os escritos mergulhavam num contexto de transição do romantismo para o realismo, ao passo que havia a tentativa de abarcar uma temática que fosse trabalhada a partir de uma visão crítica do meio social.

Face ao exposto, José de Alencar compôs a obra *Senhora* neste momento de transição entre as estéticas literárias, o que torna possível analisar como se dá o realismo em uma obra cuja produção literária está inserida no Romantismo. Se por um lado, a ficção romântica embarcava no sentimentalismo e no nacionalismo, por outro lado, os traços realistas forneceram a possibilidade de uma literatura centrada no meio social e urbano, trazendo à superfície os costumes e comportamentos humanos que norteavam o espaço físico urbano nas obras literárias.

Visto por este prisma, o romance urbano de Alencar foge aos padrões românticos o qual está circunscrito, ao fazer uma crítica aos valores burgueses, no instante em que aborda uma temática que serve de pano de fundo para orquestrar sua crítica social. No intuito de nos situarmos quanto à temática que movimenta toda a obra, torna-se imprescindível fazer uma breve contextualização de seu enredo.

Senhora é uma narrativa, em que seu universo ficcional ocorre no Rio de Janeiro do século XIX, nos bairros Laranjeiras e Lapa abordando o conflito amoroso protagonizados por Aurélia Camargo e Fernando Seixas. A personagem Aurélia herda de seu avô, uma herança que a insere num contexto de grande poder econômico e prestígio social; diante disso, passa a manipular a todos com seu dinheiro e poder. A princípio empreende uma vingança contra Seixas por tê-la abandonado para casar-se com outra, ainda quando desprovida da herança. Com a ajuda do senhor Lemos, o seu tutor, Aurélia oferece cinquenta contos de réis como dote a Ribeiro, no intuito de que o noivado entre Adelaide e Seixas fosse rompido. Assim, Ribeiro casaria com Adelaide e Fernando Seixas ficaria livre para Aurélia.

O senhor Lemos, sob a orientação de Aurélia, procura Seixas e oferece-lhe os cem contos de réis como dote para que aceite a nova herdeira como esposa. A proposta foi aceita, já que Seixas enxergava grandes vantagens neste casamento e sentiu-se orgulhoso por ter sido ele o escolhido. Porém

após o casamento Seixas descobriu que tudo não passava de um plano de vingança orquestrado por Aurélia, pois esta confessou que o havia comprado por cem contos de réis, reduzindo Seixas a uma mercadoria a qual foi lhe ofertada um valor de compra. Nesse momento, Seixas sentiu-se humilhado, e por causa do orgulho ferido negou seu amor à Aurélia. O casamento sobreviveu durante três anos envoltos na dissimulação de uma perfeita união matrimonial, até o momento em que Seixas, mesmo possuindo uma personalidade capitalista, pagou com juros todo o dinheiro do dote. Temendo perdê-lo, Aurélia disse que o amava, provando com um testamento onde Seixas era seu único herdeiro. Ambos confessaram seu amor e o casamento finalmente foi consumado; culminando para o desfecho feliz dos conflitos gerados em função do casamento como pretensão lucrativa.

Esta obra alencariana, cuja temática é o casamento por interesse, retrata a sociedade do século XIX, – na melhor das hipóteses – retrata os conflitos gerados pelo interesse econômico em que o casamento se moldava como uma alavanca capitalista. O casamento, protagonizado por Aurélia e Seixas, pode ser analisado a partir de dois vieses: ora romântico e ora realista; pois, o enredo desta obra apresenta elementos românticos com mistura de foco realista.

Se analisarmos esta temática de acordo com o romantismo, veremos que o casamento vai funcionar como uma possibilidade de materialização do amor. Desta forma, o casamento se constitui de uma premissa religiosa, o qual fundamenta o matrimônio numa consagração “perfeita”, em que homem e mulher “vivem felizes para sempre”. Entretanto, no realismo, o casamento enquanto instituição será o meio pelo qual tornará possível uma análise social; isto é, ao funcionar como base da sociedade, através do casamento, ou melhor, das facetas agressivas que corroem esta aparente instituição sólida, o escritor realista mostrará uma sociedade despida de quaisquer dissimulações de valores.

De acordo com Claude L. Hulet, Aurélia, ao comprar o marido, legitima a idéia de escravidão vinculada à obra alencariana, pois a princípio o casamento entre ambos alcançou uma dimensão mercantil, no instante em que Aurélia tornou-se dona e senhora de Seixas. Desse modo, Alencar ao fazer uma crítica mordaz ao modo de organização social que se apresentava no século XIX, postulou a obra numa dimensão realista, isto é, ao bombardear os “males” sociais, a narrativa adquiriu um tom realista, em especial por apontar a escravidão que assolava o país; como também a escravidão restrita ao aprisionamento e maus tratos ao homem negro.

Um dos achados mais curiosos de Alencar é que, nesse mundo dominado pela compra e venda ambos os sexos eram tratados como negócio, ambos se vendiam, eram suscetíveis de cair naquela escravidão cujas algemas não eram já de aço senão de costumes e convenções. Não eram apenas as mulheres nas suas saídas tradicionais, o casamento por conveniência – “coisa banal e freqüente, que tinha, não somente tolerância, como a consagração da sociedade”(94) -, e/ou a prostituição. (Hulet, p. 124).

Esta questão está circunscrita aos conflitos vividos pelos personagens, em especial pelo casamento marcado pelo interesse capitalista. Esta temática pode ser exemplificada na estrutura da obra, ou seja, as formas como os capítulos estão intitulados, como preço, posse, quitação e resgate; torna verossímil a idéia de compra manipulada pela força da escravidão. Valemo-nos da ordem estrutural da obra alencariana para salientar que a temática trazida na narrativa seguiu o mesmo percurso dos capítulos.

Os capítulos da obra são organizados em função da temática trabalhada por José de Alencar; assim, percebemos que Alencar construiu lentamente a substância essencial de sua crítica, pois ao intitular os capítulos assinalou em cada parte o tratamento e desenvolvimento dado à temática do casamento.

A hipótese de que uma questão está anelada a outra parte da idéia de que a temática da obra trata do casamento como acordo capitalista, e os

capítulos sugerem justamente esta transação mercantil. A primeira parte - o preço, introduziu a idéia de compra que percorreu durante toda a obra, visto que é neste capítulo que Aurélia estipulou o preço ofertado à compra de um marido. Essa questão já nos revela a intenção crítica do autor, no instante em que conduz uma narrativa voltada para o desmascaramento social, que teve como substancia o casamento sob a égide de uma sociedade materialista.

A segunda parte – Quitação, é o capítulo pelo qual Aurélia pagou os cem contos de réis como dote a Fernando Seixas. Isso criou uma atmosfera de amor versus ambição, face “a ameaça de degradação do amor pela força corruptora do dinheiro, sendo este último um fator dominante da ascensão social” (Castillo, p. 223). Conforme se desenvolve este capítulo, Alencar aponta uma sociedade degradada pela ambição, luxo e opulência.

A terceira parte, intitulada Posse, trouxe uma descrição detalhista da vida de Aurélia e Seixas ante um casamento que insistiu de forma persistente a não se consumir. Contudo, ao mesmo tempo em que “marido e mulher” lidaram com o desejo de vingança, este desejo, por sua vez, caminhou para uma resignação frente à possibilidade de consumação conjugal. Esta transição que se molda no relacionamento do casal, pode ser encaminhada para uma análise social da época, ou seja, Alencar quando aponta esta transição ocorrendo na obra, está mostrando uma sociedade em transição, em constantes mudanças.

Desse modo, os capítulos compreendidos pela terceira parte da obra, indicando posse em seu sentido estrito de ocupar um lugar reservado pelo direito de compra, alavanca a idéia a qual sustentamos nesta pesquisa; ou seja, que a sociedade do século XIX movia-se pelo sentimento de posse, inserida num contexto de ambição e apresentado como fator de degradação social, sendo facilmente percebidas na fala de Seixas:

A sociedade no seio a qual me eduquei, fez de mim um homem a sua feição, o luxo dourava-me os vícios e eu não via através da fascinação o materialismo a que eles me

arrastavam, habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da existência e os exemplos ensinavam-me que o casamento era o meio legítimo de adquiri-la... Não me defendo se deveria resistir e lutar, nada justificaria a abdicação da dignidade. (Senhora, p. 301).

Face estas considerações, podemos argumentar que Alencar produziu uma obra em que sua forma estrutural se alimentou do modo como a temática foi trazida na narrativa, isso se torna visível quando atentamos para a quarta parte da obra tida como Resgate. Se observarmos o significado que norteia os capítulos desta última parte da obra, veremos que o ato de resgatar significa “remir com dinheiro a coisa vendida ou empenhada” (Castello, p. 227). Assim, quando Seixas se propôs a devolver o dinheiro do dote, esta questão estava sendo verossímil com a intitulação desta última parte; o que também dá veracidade quando salientamos que a temática do casamento funciona tal qual as partes da obra, principalmente se atentarmos ao instante em que Fernando Seixas disse o seguinte: “Agora nossa conta, continuou Seixas desdobrando uma folha de papel. A senhora pagou-me cem contos de réis, oitenta em cheque do Banco do Brasil que lhe restituo intacto e vinte em dinheiro... Não é isto?” (Senhora, p. 300).

No momento em que Fernando Seixas restituiu o dinheiro do dote, temos uma ambição que não se sustentou até o fim. Ao adotar esta atitude, o personagem buscou redimir sua dignidade, sendo este o fator crucial para que a tentativa de realismo, empreendida por Alencar, não mantivesse uma coerência até o desfecho da obra.

A parte que encerrou a obra (Resgate) se entrelaça na questão do desfecho feliz, ao passo que ocorre a “vitória” do romantismo em detrimento do realismo. Portanto, o romance ao dividir-se em quatro partes “O preço”, “Quitação”, “Posse” e “Resgate”, nos direcionou para a assimilação do que a obra trataria. A priori, diríamos que o romance alicerçava a narração de uma transação comercial elevada ao nível de mercadoria ou objeto. Ao

aprofundarmos na leitura tomamos ciência que realmente se tratou de um negócio, porém não de uma mercadoria em si, mas de um personagem posto na condição de mercadoria. E a temática da obra se moveu justamente nestas questões, uma vez que o autor embarcou numa crítica a uma sociedade vista pelas frestas de um casamento transpassado por uma simulação teatral.

Se a idéia foi mostrar uma sociedade mercantilista, com as partes da obra o autor já sugeriu esta crítica; mas, se a idéia era trazer uma temática realista em toda a sua essência, é certo que Alencar não conseguiu; o que também pode ser equiparado com a estruturação do romance, em que a última parte traz claramente que a crítica caiu por terra em nome do amor, ou seja, houve um resgate da dignidade humana, contrapondo assim todas as mazelas que o autor tentou apontar num casamento como base da sociedade.

Ainda que possamos diagnosticar que prevalece, na obra, o tom romântico, não poderíamos negar que o romancista vestiu a obra de um tom denunciativo, no instante em que narrou as causas e efeitos de personagens, como Aurélia e Seixas, arraigados profundamente na ambição, ao dar um valor exacerbado à compra e a venda para fins lucrativos. Ao fazer essas pontuações comportamentais nos personagens, Alencar nos fornece caminhos para subvertê-las à uma avaliação do universo social; visto que os personagens apresentam-se como figuras ilustrativas para a materialização da crítica empreendida pelo autor.

Esta questão pode ser analisada no perfil de Aurélia, visto que a personagem inicialmente era pobre e posteriormente ascende economicamente, ao herdar a herança de seu avô. Assim é possível classificar Aurélia em duas fases; ou seja, a primeira como menina pobre e ingênua, e a segunda como uma moça rica e esperta, corrompida pelo dinheiro enquanto meio de degradação dos valores sociais e morais. Por sua vez, essas fases dão origem a seis perfis distintos. Estes perfis criam a segunda instância da oscilação entre o romantismo e o realismo, pois a resolução dos conflitos se

faz, também, nas mudanças de perfis psicológicos, o qual fornece à Aurélia uma disparidade entre seu comportamento e os padrões sociais da época. Que será abordada profundamente e em detalhes nas páginas que se seguem.

Aurélia é uma anomalia dentro dos parâmetros de sua época (...) conhecia bem de perto tanto a pobreza como a riqueza (...). Nesta combinação de fatores dispares, ela apresenta uma feição multifacetada (Hulet, 1984:125)

No primeiro perfil, Aurélia inseriu-se fortemente no contexto do romantismo, uma vez que, em seu comportamento prevalecia a submissão e o recato de uma moça arraigada nos valores da época; valores estes que pregavam que a mulher precisava necessariamente se casar para ser bem vista na sociedade. No segundo perfil, a personagem alencariana, já rica, se mostrou corrompida pelo dinheiro, construindo assim o caminho por onde Alencar analisou o efeito corruptor do dinheiro no dorso social. Esse fator fez com que a narrativa principiasse numa descrição realista. No terceiro perfil, Aurélia representou uma sociedade feminina vista pelo ângulo da vingança, onde o dinheiro tornava possível a realização deste desejo vingativo. Deste modo representou nesta feição comportamental uma sociedade capaz de falsear valores para obter vantagens lucrativas. No quarto perfil, esta ressalta uma sociedade que lutava entre “o bem e o mal”, isto é, ódio e amor, vingança e perdão, e assim sucessivamente. No quinto perfil a personagem caminhou para a resignação de seu comportamento vil e calculista; neste ponto a intenção crítica de Alencar começa a se desfazer, visto a possibilidade de redenção ao amor propiciado pela dança. A narrativa descreve uma sociedade do século XIX, e neste período havia sarais e bailes, apresentados não só como modo de distração social, como também uma oportunidade de encontrar um casamento vantajoso. E neste contexto a dança teve um papel importante, ao passo que a junção dos corpos ganhava uma roupagem sedutora, fazendo com que homem e mulher aflorassem seus mais secretos sentimentos

amorosos. Assim, os protagonistas do conflito amoroso, Aurélia e Seixas, começaram a romper com a aparência de um casamento, que até então não havia se consumado, para se renderem ao clima de sedução criado pela dança que abrilhantava os salões de festas. No sexto perfil, Aurélia retomou sua personalidade inicial, ao tornar-se submissa novamente, e ao fazer isso, ficou evidente que ela oscilou entre uma personalidade e outra. Esta oscilação posta em seu comportamento margeou a temática discutida na obra de Alencar, posto que a mesma foi desenvolvida tal qual o perfil de Aurélia, isto é, ao passo que a personagem oscilava entre suas ações, a temática trazida na obra também oscilava entre romântica e realista. Entretanto ao fazer uma análise do perfil psicológico da personagem, o autor partiu de um procedimento realista.

Assim, a história de amor e/ou casamento ficou em plano secundário ou como pano de fundo, a ser retomado posteriormente, para que Alencar fizesse uma brilhante análise de comportamento e perfis psicológicos. Esses quesitos levam à cena literária as ações dos personagens numa verossimilhança com a condição humana, trazendo à tona o egoísmo, a ambição e as perversidades escondidas sob o manto de um falso moralismo. Dessa maneira, Alencar, ao materializar uma leitura da realidade urbana do Rio de Janeiro, está pontuando a obra com elementos de antecipações realistas, uma vez que a composição desta obra está enraizada no período romântico.

Isso se justifica em Aurélia e Seixas, ao passo que Alencar lança-os como protagonistas de um casamento que transfigura-se como resultado de crítica social, mostrando uma sociedade que valoriza em demasia a aparência e o dinheiro. No realismo, segundo Antônio Candido (2004), os fatos observados são apresentados objetivamente, no intuito de que uma descrição detalhista seja capaz de criar um "efeito fiel de uma realidade". "O realismo se baseia nalguns pressupostos, inclusive o tratamento privilegiado dos pormenores, pelo seu acúmulo ou pela sua contextualização adequada". (p.135).

Neste contexto, é notável o efeito de realidade construído nos detalhes dos perfis psicológico de Aurélia, escondidos sob a aparência de um “casamento feliz”. Inicialmente, a personagem é caracterizada como uma jovem desprovida de luxos ou bens materiais, pura e ingênua, e que não cultivava sonhos em encontrar um grande amor ou um casamento, como qualquer moça de sua idade. Mesmo marcada a aversão ao casamento, para satisfazer os caprichos da mãe, a personagem colocava-se à janela da casa para ser admirada pelos noivos em disponibilidade. Foi neste contexto de submissão que Aurélia conheceu Seixas; enamorando-se um pelo outro e favorecendo a abordagem temática, bem como ao tratamento desta abordagem empreendida pelo autor, dando início à oscilação entre o romantismo e o realismo. Essas características, bem como os acontecimentos que circundam a personagem, revelam o primeiro perfil de Aurélia.

Após alguns acontecimentos, Aurélia adquire uma nova personalidade, esta por sua vez, apaixonada e abnegada. Esse segundo perfil de Aurélia se faz diante da impossibilidade de matrimônio com Seixas, pois o mesmo alegou que por razões econômicas não poderia desposá-la. Neste ponto, os personagens alencarianos se moveram na idéia de casamento como possibilidade de ascensão social, alimentando-se do valor sentimental e emocional dado ao casamento pelo viés romântico. Embora, os personagens tivessem se configurado nitidamente nestes padrões de romantismo, podemos constatar alguns traços realistas no decorrer do romance, tendo em vista a crítica de Alencar, que se pauta nos valores burgueses e no casamento por interesse, focalizando a tipificada sociedade fluminense, enquanto valores pregados e não cultivados. Por meio do casamento, Alencar aponta simultaneamente a estrutura social e o processo pelo qual romperam com os valores que deveriam embasar as relações sociais.

A rejeição de Seixas não foi suficiente para apagar ou suprimir o amor despertado em Aurélia, chegando inclusive a rejeitar qualquer que fosse a proposta de casamento que lhe chegasse ao conhecimento. Esses acontecimentos culminaram no desejo de vingança, construindo assim, o terceiro perfil de Aurélia. Por ter sido rejeitada em função de sua pobreza, Aurélia Camargo ao herdar a herança passa a maquinar um castigo a Seixas, em que a ambição deste o levará para a situação de escravidão.

Se analisarmos esta questão a partir dos caracteres vinculados ao Romantismo, em especial, a supervalorização do amor, em que este é concebido como o valor supremo da vida; podemos argumentar que Aurélia agiu de acordo com os ideais que perpassam este período literário.

O seu desejo em vingar-se de Seixas não a transforma em mulher satânica, senão que manteve uma conduta congruente com os padrões do Romantismo, prosseguindo no seu mais secreto desejo de casar com o homem que não deixara de amar e de se realizar como mulher. Aurélia, sim, atacou os valores sociais, mas apenas no sentido de exercer opções que o dinheiro lhe permitia. (Hulet; p. 126)

Com o desenrolar da trama, Aurélia adquiriu um perfil calcado na ambigüidade, que juntamente com Seixas lutaram entre o amor e o ódio, a escravidão e a liberdade, a dignidade e a vingança. Ambos se amavam, mas ao sentirem-se feridos negaram o seu amor. Seixas vendeu sua liberdade e com ela foi-se sua dignidade, ao sentir-se escravo procurou restituir com juros o dinheiro do dote, sendo este o resgate de sua dignidade e Aurélia lutava entre a vingança e o amor.

O casamento de Aurélia e Seixas foi mesclado por um ar de "sarcasmo, dentro de casa, e de um ar de uma perfeita felicidade conjugal, voltada para o mundo" (...) (Hulet, p.127). Nesse aspecto é notável que Alencar buscou aprofundar a análise do comportamento humano; pois foi além da aparência, mostrando ao leitor as ações mais secretas do ser humano.

O quinto perfil de Aurélia é uma retomada da paixão que ambos um dia sentiram um pelo outro e que atualmente estava ofuscado pelo dinheiro, e depois de “casados” a chama dessa paixão novamente é acesa, sendo favorecida pelas influências sedutoras da dança.

As senhoras não gostam da valsa senão pelo prazer de sentirem-se arrebatadas no turbilhão. Há uma delícia, uma embriaguez na velocidade. Aos volteios rápidos a mulher sente nascer-lhe as asas, e pensa que voa, rompe o casulo de seda; desfralda-se a borboleta. (*Senhora*, p.281).

A paixão que ardia entre “marido e mulher”, recusava-se consumir, visto as circunstâncias em que o casamento se realizou, isto é, ambos significavam-se apenas como objetos comprados no “mercado matrimonial”.

Esse foi o fio condutor para Alencar plasmar sua crítica na instituição casamento, estagnado na ambição e no luxo, em que homens e mulheres vêem seus destinos traçados pela força do dinheiro. A sociedade do século XIX, vivia num mundo mercantilista, em que o que importava era o dinheiro e tudo o que se podia fazer com ele. Contudo, o autor de *Senhora* forneceu-nos a idéia de que onde o dinheiro se enraíza, foge toda a virtude e toda moral, embutidas numa sociedade falseadora de valores e decadente, tornando-se uma mola propulsora para alavancar o mercado de “caça-dotes”.

O sexto perfil da personagem se faz pela resignação e pelo reconciliamento entre marido e mulher. Aurélia abandona o desejo de vingança e se rende ao amor, e Seixas consegue reaver sua dignidade no instante que restitui todo o dinheiro do dote. “Este é um “happy ending” congruente com os postulados do romance, coadunando-se perfeitamente com os temas fundamentais da dignidade humana e a eficácia do Amor” (Hulet, p. 126).

Neste sentido, percebe-se que Alencar utilizou o casamento para fazer todo um percurso psicológico dos comportamentos de Aurélia juntamente com Seixas; mostrando o casamento como uma instituição falida e que se veste de

uma máscara para empreender uma encenação teatral frente a uma sociedade corrompida pelo luxo e pela riqueza.

Embora este autor tenha mantido uma linha realista na abordagem das questões sociais, ao abarcar em seu romance uma narração da vida fluminense pela ótica do casamento pelo dote, reafirmando aquilo que está postulado na obra; “o casamento desde que não lhe trouxesse posição brilhante e riqueza era (...) nada menos que um desastre” (*Senhora* p. 217), ainda assim não consegue romper com o romantismo. A temática trazida na obra traduz uma tentativa de realismo, que por sua vez, não se configura em sua plenitude, já que a resolução estética do enredo ainda é romântica, isto é, o desfecho da obra é feliz, o amor aparece como resolução dos conflitos, ou seja, a chave para a solução dos problemas sociais. A realização amorosa é um valor cultivado pelos escritores românticos, e Alencar, sem dúvida, não foge à regra, principalmente se atentarmos à cena que podemos construir, mesmo que imaginariamente, sobre as frases finais do desfecho romântico dado ao amor conflituoso protagonizados por Aurélia e Fernando Seixas.

“As cortinas cerravam-se as auras da noite, acariciando o seio das flores. Cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal” (*Senhora*, p.215).

A cena, que até então somos levados a construir, nos direciona a uma encenação teatral, que ao encerrar a peça as cortinas se fecham após calorosos aplausos emotivos da platéia. E pela natureza do romance, entende-se que os personagens “*Viveram felizes para sempre*”, a partir daí o romance brasileiro tem suas raízes cravadas no romantismo, contudo, o romance *Senhora* foge desses moldes românticos, quando alicerça sua crítica nos fatos e acontecimentos que circundam a sociedade do século XIX, em especial pelo viés do casamento, enquanto instituição “falida”, isto é, envolta de uma máscara para dissimular as vilezas do comportamento humano e corrupções morais. Contudo, esta fuga não se materializa no todo, pois Alencar não sustenta o realismo até o fim, já que a crítica social, como o interesse

econômico, o casamento pelo dote e a ascensão social caem por terra em nome do amor. Isso acontece porque a visão de Alencar, ainda parte do emocional, sendo ele congruente com o Romantismo.

A mola que movimenta o enredo emerge de uma visão realista, que por sua vez, passa a embrenhar por um caminho de redenção ao romantismo. Em suma, ao argumentarmos quanto à oscilação presente na obra alencariana _ pontuando-a ora como romântica e ora como realista _ estamos afirmando que "Senhora junta como pode a pureza do amor romântico e as cintilações do luxo burguês" (Bosi, 1994:140). Desse modo, podemos ver na obra *Senhora Alencar* uma mescla de realismo e de romantismo. O autor assume incursões realistas, pois, tenta desmascarar a hipocrisia, o egoísmo, o interesse enfim, todas as ações que norteiam o funcionamento das relações sociais de poder na sociedade de sua época; principalmente em orquestrar sua crítica a partir da instituição casamento. Visto pelo prisma romântico, o casamento funciona como uma realização e concretização do amor; porém, se analisarmos essa questão projetando aos moldes realistas, temos nessa instituição um direcionamento em uma análise social, isto é, a partir da vida íntima, faz-se uma leitura da vida social.

Para moldar a temática do enredo, Alencar constrói todo um aparato para elevar e sustentar sua crítica. Nesse sentido, o romance presentifica a camada social da corte do Rio de Janeiro, aparece o comerciante, o vagabundo, o costureiro enfim, aparecem os tipos sociais, e isso acaba se tornando uma tentativa de retratar o espaço fluminense. Ao fazer isso, Alencar aponta para uma estética realista. Contudo, essa ousadia em abraçar simultaneamente a estética romântica e a temática realista, fez com que a obra mergulhasse numa "identificação profunda com a nossa realidade, embora se projetando na visão de uma sociedade ideal (...)" (Castillo, 1984: 224).

A intriga conduzida a partir do casamento, em especial pelo poder do dinheiro, culmina numa harmonia final, o que de imediato nos levaria a analisá-

la sob a perspectiva romântica. Entretanto mesmo projetando o enredo à harmonização entre amor e casamento, isto é feito

(...) Com base em legítimos valores e tradições, aqueles que devem ser preservados juntamente com reivindicações de direitos iguais, da mulher e do homem (...) aparecem claros, analisados até mesmos discutidos, em termos de família, educação tradicional, mudanças sociais, valores ameaçados. (Castillo, 1984: 228)

Assim, mesmo diante de uma possibilidade de redenção ao romantismo, Alencar notadamente equaciona o desfecho amoroso a uma crítica social, visto que discute os valores sociais que se arrastam até o desfecho feliz da obra; isto conforme Castillo acima mencionado.

Portanto, Alencar retrata as atitudes e comportamentos sociais, bem como a degradação dos valores que perpassam a sociedade do século XIX, sem romper com o romantismo. De fato adota um procedimento realista ao trazer uma temática que tende para uma crítica ao compor uma obra imbuída no Romantismo.

Considerações finais

A temática do casamento foi trabalhada na obra com intercalações sentimentais, por isso a afirmação de que Alencar trabalhou simultaneamente o romantismo, posto que a obra materializou-se neste período histórico de produção literária; e o realismo, posto que utilizou o casamento como meio para fazer uma crítica social.

A crítica social a qual nos referimos no corpus deste trabalho esteve vinculada à questão de que o autor ao apontar um casamento movido pela farsa e pela ambição, este por sua vez correlacionou-a no âmago social em que o casamento vestia-se de uma aparente anormalidade conjugal. Desta forma, ao discutir as relações sociais elevadas ao nível de descrição de suas mazelas, e aprofundar sua análise no comportamento humano, este postulou a obra com caracteres de descrição realista, visto que trouxe o cotidiano fluminense presente na obra, para detalhar uma sociedade corrompida pelo dinheiro.

Os valores cultivados pela sociedade do século XIX não eram mais morais e sociais, e sim os valores enquanto lucro que visava apenas o dinheiro, pois o espaço social era extremamente materialista. Assim, quando Alencar foi além da aparência, no instante em que desmascarou o casamento de Aurélia e Seixas, podemos ressaltar que este mesmo desmascaramento o autor fez no casamento institucionalizado pela sociedade de sua época.

Alencar, ao descrever os perfis psicológicos de Aurélia, discutiu-os dentro de uma sociedade em mudanças, isto é, que transitou entre um estágio comportamental para outro. E esta transição, a qual nos referimos, é o que dá suporte para a crítica social, ou seja, para que uma sociedade seja apontada como desvirtuadora de valores seria preciso que esta transitasse entre o que é considerado normal, perante os valores que circundam o meio social, para corrompê-los e caminhar para os valores que fogem às leis regidas pela sociedade. Assim, o autor plasma seu romance num procedimento realista.

O casamento, a mola que movimenta o enredo, serviu como substância para alavancar a análise social, visto que é a partir deste ponto que o autor

aponta numa sociedade, a ambição, a cobiça e a farsa conjugal culminando numa mentira social. Por todos esses quesitos apontados na obra de Alencar, podemos afirmar que a mesma é realista. Contudo, ao embarcarmos na observação quanto o desenrolar da temática -como pretensão de crítica social- veremos que o desfecho do enredo partiu de uma premissa romântica. O conflito conjugal de Aurélia e Seixas teve um final feliz, isto é, o desejo de vingança, a cobiça e a dissimulação de valores, caíram por terra em nome do amor. Desta mesma maneira ocorreu com a tentativa de realismo empreendida por Alencar, ao passo que não se configurou até o fim, fazendo com que tudo aquilo que o autor tentou denunciar em *Senhora* negasse a si mesmo. Pois a possibilidade de realismo negou-se a si mesmo no momento em que imperou na obra um desenrolar dos fatos que resultou numa harmonia matrimonial, reafirmando o ideário de "viver felizes para sempre". Portanto, mesmo pincelando a obra com alguns pontos realistas, ficou evidente que a mesma é equivalente com os padrões românticos.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. Senhora. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 32º ed., 1998;
- GUINSBURG, J. O Romantismo. Organização perspectiva. 3ª ed.
- CASTILLO, José Aderaldo. Relendo Senhora. In Miscelânea de Estudos Literários: Homenagem a Afrânio Coutinho/ Alceu Amoroso Lima et alii. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.
- HULET, Claude L. O papel da mulher no mundo mercantilista de Senhora. In Miscelânea de Estudos Literários: homenagem a Afrânio Coutinho/ Alceu Amoroso Lima et alii. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.
- CANDIDO, Antonio. Realidade e Realismo. In recortes, 3ª edição revisada. RJ/RJ: Ouro sobre azul, 2004.
- _____. Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária, 8ª edição, São Paulo, 2000.
- BARBOSA, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na Literatura brasileira. In realismo & Anti-realismo na Literatura brasileira, RJ. Paz e Terra. 1974.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo. Editora Cultrix. 1994

